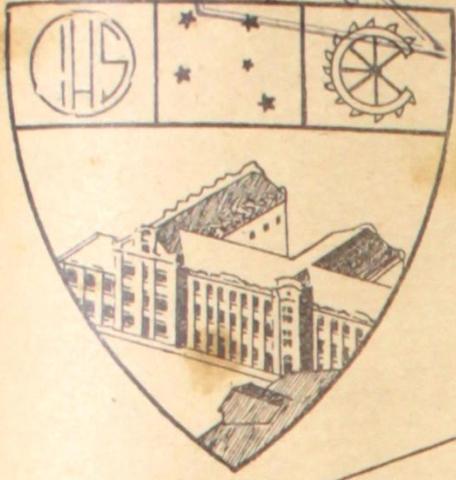


CHIEF Director  
da Biblioteca Pública  
N. C.



# O COLEGIAL

ORGÃO DOS ALUNOS DO COLÉGIO GATARINENSE

Ano IV | Florianópolis, Março de 1948 | N. 1

## Fundação da A.S.I.A.

2. — A idéia de fundar aqui a A. S. I. A. é muito antiga. Já nela pensou o R. P. Hofer, quando reitor. Sendo eu reitor, por várias vezes fui atacado neste sentido pelos senhores de São Paulo e Rio... mas fazer os planos é algo mais fácil que executá-los.

O interesse acerca deste tema jamais faltou. Grande entre os nossos antigos alunos, entre os bem antigos, do tempo do Cardeal Jayme, como entre os bem pouco antigos, os que saíram daqui nos últimos anos.

Quem mais se interessou sempre por esta fundação foram o Sr. Ademar Gonzaga, Sr. Dr. Afonso da Veiga, o Sr. Dr. Oswaldo Cabral, o Sr. Martinho Callado, bem como mais outros.

Em fins de Maio do ano passado o R. P. Reitor encarrega-me de organizar uma reunião, uma concentração dos antigos alunos para o dia 27 de Julho.

Se não fossem os esforços sacrificados dos amigos Martinho Callado e Ademar Gonzaga, seria impossível conseguir a reunião de cerca de 150 ex-alunos, em dia de chuva torrencial.

Foi um sucesso. Também a situação do churrasqueiro, o incansável P. Ernesto, que apesar da chuva conseguiu preparar os 120 kg. de carne à gosto!!

Nesta reunião não foi possível eleger uma diretoria, nem provisória.

Ficou esta tarefa para a segunda concentração, 22 de Fevereiro.

Mais uma vez os dois amigos Ademar e Martinho não pouparam esforços... e amanhecendo chuvoso, o dia 22 acabou sendo um dia cheio de sol e de alegria.

De manhã, às seis horas, muito cedo ainda, uns garantiam chuva o dia todo, entre eles o irmão Decker, mas o nosso querido Paulo e o "Angelina" afirmavam os pés juntos que às nove já teríamos céu aberto e sol.

Tiveram razão. Fez-se fovo na frondosa figueira... a carne, já de véspera fôra espetada com a ajuda dos Padres Prefeito, Ernesto e o irmão Royer, que demonstrou profundíssimos conhecimentos da anatomia bovina, retalhando o animal



1938

Foi nomeado Inspetor do Curso Pré-Jurídico o sr. Rafael G. Cruz Lima que em 8 de Abril de 1948 completa dez anos de atuação feliz como Inspetor do 2º Ciclo, e foi eleito Presidente da A. S. I. A. (associação dos antigos alunos).

"O Colegial" oferece os seus votos de felicidade.  
AD MULTOS ANNOS!

com arte e selecionando as melhores postas, para os espetos. A câmara frigorífica se encheu com uns 180 churrascos espetados. Geladinhos, foram postos ao zrazeiro pelas 10 horas, sob a direção técnica do P. Ernesto. Entretanto o "frevo" fôra grande na cozinha. Empregados, irmãos, escolásticos e padres, uns a "chorar, com as lágrimas nos olhos" descascan-

do e retalhando cebolas. Os mais a descascar e retalhar as batatinhas, para a mayonaise. Antes das nove já o P. Prefeito começava com os arranjos: levar meças, cadeiras, facas e mais apetrechos indispensáveis para a sômbra sempre hospitaleira, pois nos seus ramos ela hospeda animais de toda espécie e na suas sombras recebe, acolhedora, os homens. A missa das 11 horas estava bem

concorrida de ex-alunos, notando-se a presença do deputado federal, Dr. Conego Tomaz Fontes. Depois da missa todos se dirigiram para a figueira, onde fumejava o churrasco saboroso. Pelo meio dia ouviram-se os sons suaves da gaita-piano, tocada habilmente pelo frater Maroco, acompanhado pelas vozes melodiosas dos presentes. (Conclue na 2ª. página)

**Quem não sabe ler e escrever:  
Não dispõe de condições para vencer na luta da própria subsistência**

# FUNDAÇÃO DA A.S.I.A.

(Conclusão)

Derrepente se ouviu a voz de comando "Estes três churrascos para a primeira mesa... estes três para a segunda, estes para a terceira..." e os jovens auxiliares, filhos de antigos alunos, iam levando para as mesas os espetos com os churrascos... quem achasse que o seu era "espeto" mesmo, vinha escolher,

fazer "um amistoso" nos pátios do Ginásio... Pobres canelas, e pobres musculos!

Por fim houve outro desafio, musical, um descante entre os srs. Heitor Faria e o conhecido Juca do Lóid. A gaita rangia sonora e os dois se degladiavam em verso e contraverso... acabando a cena



depois de todas as mesas servidas, o seu pedaço predileto.

Foi então que o R. P. Diretor fazendo uso da palavra começou expondo as finalidades desta reunião e propôs a fundação da A. S. I. A. (Antiqui Societatis Jesus Alumni).

Devido às circunstâncias, foi proposta uma diretoria, e aclamada. Não houve a menor ressalva quanto aos candidatos.

A seguir foram chamados, pelos presentes, vários oradores para a tribuna... popular. Foi a seguir do Diretor. Agradecendo a minha escolha como substituto assistente, animei a todos a cooperarem, a se auxiliarem mutuamente, e desfrutar muitas vezes, neste ambiente de paz, de concordia, amizade, os encantos da união e da fraternidade.

Subiram à tribuna, o Sr. Presidente eleito, Dr. Rafael G. Cruz Lima, os Deputados Orlando Brasil, Tomás Fontes, Biase Faraco, Dr. José Maria da Veiga, o Senhor Dr. Rubens Arruda Ramos que de veras mostrou ser artista do "verbo" como fôra artista, e consumado, no internato!!...

Ouvimos ainda a palavra clara e inflamada do Dr. Osmar Cunha, do Cônego Frederico, do sr. Ary Mafra, do Dr. Afonso Machado da Veiga, a palavra cadente e franca do Dr. João Bayer Filho e de muitos outros.

Que diziam das recordações... Do "Marrusco" do Vento Sul, dos velhos e abenegados padres e irmãos (Brudes So-So: Zo-Zo (Grones).

Lembrando quantos estes velhos e bons campeões fizeram pelo Ginásio Catarinense. E quando um era esquecido, outro orador lembrava a memória do esquecido que mais diziam? contavam as aventuras... que gostosa aventura amorosa do menino Arruda Ramos... contavam do esforço a animavam a continuarmos a educar os jovens catarinenses. Ouviu-se também a conhecida voz do nosso Inspetor Federal Antenor Moraes, no sonoro badalar do "Estudai! estudai! estudai!".

Depois da oratória muitos se retiraram para assistirem o encontro "Palmeiras" versus "Paula Ramos"; outros porém, preferiram

com um sapateado do Juca do Lóid.

Assim terminou mais este dia, não sem que os ex-alunos terem deixados por iniciativa própria uma esmola de mais de Cr\$ 700,00 (setecentos cruzeiros) para os pobres do P. Clemente e uns 50 quilos de carne assada, que foi distribuída à pobreza.

Estavam presentes uns 160 ex-alunos. Muitos que assinaram sua participação estiveram impedidos de comparecer, assim a caravana de Tubarão, chefiada pelo dinâmico Dr. Carlos Régis, prefeito municipal.

Assinaram coml sócios da ASIA 112 ex-alunos. Mais assinarão quando o livro de matrícula estiver pronto.

Contamos com igual cordialidade e maior número para o banquete de confraternização em Julho.

P. A. B. Braun, S. J.

## O País de Glória e Sangue

Muito se fala sobre o país que, na verdade, ao cognome de "o pato dos povos" faz jú. Oh Polônia! poucas vezes viu teu povo a liberdade de culto, de governo e de palavra, pela qual desde seus primeiros tempos combate e, combatendo, se engrandece. No século passado eréis oprimidos; peados eram pelos russos vossos direitos. Para que a Polônia vivesse seus dias de liberdade e de justiça, muitos dos vossos grandes homens, no exterior, junto a outros governos, se empenharam. Entre estes, a figura émerita de Pulawski, sucumbindo nos campos de guerra do Novo Mundo, a lutar pela independência dos Estados Unidos da América, onde sua morte é comemorada no "Pulawsky Day". A figura marcante de Tadeu Kociuszko, que chefiou a insurreição de 1794 contra os russos e que também se celebrou na guerra de independência dos Estados Unidos da América. O vulto de Chopin, o grande músico, que sacrificou sua vida e sua saúde, dando concertos, quando já suficientemente se enriquecera; sacrifícios desmedidos em volta de um só ideal: a salvação de seu povo e de sua pátria do domínio russo. No século transcorrente, em 1916, quando ainda ocupado o país pelos russos, o canto nacional era: "Deus nossa liberdade restaura..." De 1917 a 1938, entrado o país em sua renascença política, vanguardado por Pilsudski, por Paderewsky, — soava o canto: "Deus nossa liberdade mantenha..." De 1939 a 1944, enquanto vivia a Polônia seus mais negros dias sob a ocupação alemã, de novo mudado, o canto conclamava: "Deus Restaura". Aos primeiros dias de ocupação russa, após guerra, cantava-se: "Mantenha". Porém agora, sob a dominação que escravisa e jugula: "Deus nossa liberdade restaure". Que tão sincero e justo desejo do grande povo se realize, ainda que com holocaustos de sangue, afim de cada vez mais elevar-se o grande lema: "Deus, Liberdade e Justiça"!

Carlos Coelho  
3º Gin.

O COLEGIAL  
Órgão dos alunos do Colégio  
Catarinense

Sob a responsabilidade da Diretoria do Estabelecimento.

Diretor:  
CID GOMES

Gerente:  
ALFREDO ZIMMER

Redação: Colégio Catarinense

### CONGREGAÇÃO DO INTERNATO

Com o início do ano letivo a Congregação retomou os seus trabalhos normais.

Começaram a funcionar os Clube e Grêmio Pan-Americano e Oratório, bem como o Curso de dactilografia "Colombo".

As seis máquinas, umas novas e outras velhas, entram em atividade no dia 15.

Bom número de congregados internos estão-se habilitando para tirar o diploma, depois de umas 100 aulas bem suadas.

Na segunda metade do ano haverá possibilidade de se matricularem também alunos externos para tirar o diploma oficial, concedido pelo Curso "Colombo".

O cronista

### QUEM SABE?...

- 1) Como morreu o grande químico Lavoisier?
- 2) Quem é o autor de "Casa-Grande e Senzala"?
- 3) Quem foi Lázaro L. Zamehoff?
- 4) Qual a capital do território do Acre?
- 5) Qual o maior estado do Brasil?

Charadas: Novíssimas: A nota musical e o "não" inglês, estão na Igreja: (1 + 1).

O homem procura e zomba com a contração daquele estado (2 + 1 + 1).

A acusada e o homem nascido estão com um jogador do "O Colegial" (1 + 2).



No pomar do "Gymnasio Catharinense" em 1906



PREPARAÇÃO DO CHURRASCO DE CONFRATERNIZAÇÃO DOS EX-ALUNOS

## OS TRÊS HOMENS IGUAIS

Na antiga cidade da Babilônia, que fica sobre o rio Eufrates, apareceu certa vez um misterioso estrangeiro persa de grande renome que se fazia acompanhar de três homens possuidores da propriedade extraordinária e prodigiosa de serem rigorosamente iguais.

Dizem as crônicas do tempo, que era impossível descobrir um traço fisionômico ou uma particularidade qualquer que permitisse distinguir um dos tais homens dos outros dois sócios.

A notícia chegou aos ouvidos do rei Hamurabi senhor do grande império Babilônico; mas o grande soberano não quiz acreditar em tamanha singularidade.

Seria possível perguntava o monarca que houvesse no mundo três homens perfeitamente iguais?

Mas nem êle pôde vencer a curiosidade que o picava e desejou vêr os três homens iguais, pois que somente assim é que êle poderia convencer-se da existência real do estranho fenômeno.

A uma ordem dada foi preparado um grande e riquíssimo cortejo e o rei acompanhado de Brilhante comitiva dirigiu-se à grande tenda que o estrangeiro mandara erguer longe da cidade.

Ao avistar o inesperado cortejo diante de sua tenda o mago persa encaminhou-se ao encontro do rei e inclinando-se humildemente diante do poderoso monarca exclamou:

“Que os deuses conservem e prolonguem por muitos anos felizes a vida de nosso amo e senhor! O rei Humurabi desceu vagoroso do seu palanquim e dirigindo-se ao velho ocultista disse que queria ver imediatamente os três homens iguais.

Após terem entrado na tenda via-se uma espécie de palco fechado na frente por um grande pano de veludo amarelo.

Cobriam o chão enormes tapetes de cores vivas cheios de desenhos exóticos.

O rei sentou-se de pernas cruzadas sobre uma rica almofada de seda.

La começar o espetáculo.

O ocultista bateu palmas três vezes e pronunciou umas palavras que ninguém entendeu. Ergueu-se lentamente o pano e viram todos de pé no meio do palco um homem magro de cor morena vestido luxuosamente à maneira dos mercadores persas. Ostentava um turbante riquíssimo de seda branca e à cintura trazia um punhal cujo punho se marchetava de pedras preciosas. Esse homem cruzou os braços sobre o peito e inclinou-se respeitoso diante da nobre assistência.

Eis aí, ó Rei Poderoso! exclamou o ocultista — o primeiro dos três homens iguais.

A um sinal do velho mago o homem do turbante retirou-se desaparecendo atrás de um pesado reposteiro que cobria o fundo do palco.

O mago bateu novamente palmas. Apareceu então vindo de trás do

mesmo reposteiro um homem perfeitamente igual ao primeiro e vestido com os mesmos trajes.

Dir-se-ia a mesma pessoa. Eis, oh Rei Magnanimo! o segundo dos três homens iguais.

Os cortezãos, na quasi certeza de que estavam sendo vítimas de um intrujão, estreolharam-se desconfiados.

A um novo sinal do oculista persa o segundo homem desapareceu com o outro, atrás do mesmo reposteiro.

Em seguida o mago com toda a calma e serenidade, bateu palmas pela terceira vez.

Imediatamente, um terceiro homem surgiu por trás do reposteiro, perfeitamente igual aos outros dois.

Eis oi, ó Rei dos Reis! exclamou o mago o terceiro dos três homens iguais!

O 1º ministro que se achava de pé junto ao rei ao ver nos olhares e sorrisos equivocados dos cortezãos disse ao rei em voz baixa: “quero crer magestade que êsse mago é um cinico, um intrujão!

Quer divertir-se à nossa custa, é claro que foi o mesmo homem que apareceu três vezes diante de vossa magestade. “O rei Hamurabi que vinha desconfiado do caso ergueu-se encolerizado da almofada e gritou: “Não creio nesta farça ridícula ó velho intrujão; julgas então que sou tolo que não percebi que foi o mesmo homem que apareceu diante de mim três vezes? Vais já para a forca ó cão dilho de cão”.

Ouvindo tão grave ameaça inclinou-se o mago humildemente diante do rei e assim falou: “Vossa magestade acredita em mim se vir agora os 3 homens juntos?”

“Naturalmente, como não hei de acreditar se os vir juntos?”

A um sinal do mago ergueu-se o pesado reposteiro, e com grande assombro viram todos; rei e altos dignatários da corte, três homens perfeitamente iguais de pé no meio do tablado.

— Agora sim — exclamou o rei — agora acredito! Os três homens são realmente iguais!

Ao ouvir estas palavras o velho mago que era um grande sábio assim falou: “Perdoe, Vossa Magestade a minha ousadia, mas não deve acreditar no que vê!

— Porque? indagou o rei.

— Porque agora sobre o tablado está um homem só! As outras duas figuras que aparecem, são simples imagens obtidas com auxílio de dois espelhos habilmente combinados.

E diante dos olhares admirados dos presentes ainda falou o sábio: “A princípio era verdade. Fiz aparecer os três homens, sendo um de cada vez. Mas como as aparências eram contra mim, ninguém me deu crédito! Da segunda vez apresentei um homem só, dando a ilusão com auxílio de uma combinação de espelhos que se tratava de três homens iguais.

Embora não fosse verdade todos acreditavam em mim, porque as aparências eram ao meu favor.

Assim depois de fazer com que os três homens iguais passassem

## OS ALUNOS QUE MERECEM PRÊMIOS E MENÇÃO HONROSA EM 1947

## CURSO MÉDIO

- 1º Rubem Damiani Carreirão
- 2º Raul Tavares da Cunha Melo
- 3º Arlindo Ramos Ferreira
- 4º Amílcar Ferrari
- 5º Bibiano Rodrigues Lima
- 6º Antônio Silveira Sbissa
- 7º Jorge Moisés
- 8º Pedro Cesar Nicoletti
- 9º Luiz Carlos de Melo

## 1º A

- 1º Carlos Joaquim Doin Malucher da Silva
- 2º Fortêncio Lopes
- 3º José Raimundo Pereira
- 4º Hilário Acioli Freitas
- 5º Alfo Pereira
- 6º Mário Bortolino Bressan
- 7º José Bayer Filho
- 8º Delbi da Rocha Machado
- 9º Aldilton José Tounier

## 1º B

- 1º Luiz Adolfo Olsen da Veiga
- 2º Swami Platt
- 3º João da Silva Medeiros Neto
- 4º Armando Luiz Gonzaga
- 5º Rui Tiburcio Lobo
- 6º José Júlio Pedrosa
- 7º Antônio Nicolau Grillo
- 8º João Serafim dos Anjos
- 9º Jonas José da Rosa Luz
- 10 Ermi Faisca

## 1º C

- 1º Luiz Carlos Gal Bayer
- 2º Francisco Eg Amante
- 3º José Edison da S. Faria
- 4º Aldo Ant. Peluso
- 5º Enio Luchi
- 7º Oswaldo Kersten
- 8º Luiz Gonzaga Amorim
- 9º Norberto Brand
- 10 Gerson Cherm
- 11 Reinaldo Rui Lobo

## 1º A

- 1º Cecílio Linder
- 2º Geraldo Antônio Menezes
- 3º Sílvio Aurélio Schmitt
- 4º Francisco Pereira Neto
- 5º Brian Mc Neill Fairon
- 6º Tycho Brahe Fernandes Neto
- 7º Nelson Lima Teixeira
- 8º Wilson Gomes
- 9º Luiz Gomes

## 1º B

- 1º Carlos Leopoldo Kraemer
- 2º Carlos José Gevaerd
- 3º Carlos Amaro Reinisch Coelho
- 4º Divo Dacol
- 5º Evangelo Spiros Diamantaras
- 6º Jaci da C. Pereira
- 7º José Luiz Sobieraski
- 8º Alfredo Mueller Júnior
- 9º Luiz Miguel Parente
- 10 Luiz Carlos Santiago
- 11 Hilton José D'Acampora

juntos, diante do rei afim de evitar que qualquer dúvida lhe paracem no espírito assim falou: “Assim também é na vida. Iludidos pelas aparências enganadoras das coisas, deixamos muitas vezes, de acreditar na verdade para acolher em nosso coração o ERRO e a MENTIRA”.

Armando Luiz Gonzaga  
1º Ano B

## 1º C

- 1º Paulo Roberto Sabino
- 2º João Bayer Neto
- 3º Cláudio Américo Prates
- 4º Eni Pereira Nascimento
- 5º Afonso Celso Loureiro
- 6º Egon Arno Krepiski
- 7º Juarez Luiz Guimarães
- 8º Amilton Zimmer
- 9º Nemrod Luiz Lebarbenchon
- 10 Otávio Carlos Miller Oliveira
- 11 Walnir Cordeiro

## 1º A

- 1º Celestino Sachet
- 2º Elisiário Pereira Filho
- 3º Mário Moreira Leite
- 4º Abdon Luiz Schmitt
- 5º Jaison Tupy Barreto
- 6º Ari Miguel da Silveira
- 7º Haroldo Bez Batti
- 8º Lauro Mondardo
- 9º Wilfredo Marcos Bayer

## 1º B

- 1º Enio Cesar Vieira Pereira
- 2º José Mauro Costa Ortiga
- 3º João Matos Luz
- 4º Max Blaschke
- 5º Alfredo Gustavo Horst
- 6º José Barbato

## 1º C

- 1º Rubens de Luca
- 2º Lourival Martins

## 1º A

- 1º Rodi Hickel
- 2º Jorge Antônio May
- 3º José Amaral Pereira
- 4º Miguel Digiacomo
- 5º Sebastião Umberto Melim
- 6º Ewaldo Juarez Losso
- 7º Constâncio Kr. Maciel
- 8º Urí Sandrini
- 9º Cid Carlos Porto
- 10 Cássio Aurélio Pinto da Luz
- 11 José Roberto da Silva
- 12 Nelson Antunes Martins
- 13 Dionísio Damiani
- 14 Ângelo Aladino Orofino
- 15 Aires Cesário Pereira

## 1º B

- 1º José Dobes Filho
- 2º Armando Miroski
- 3º José Roberge
- 4º Floduardo Sena
- 5º Pedro Paulo de Melo Saraiva

## 1º CIENTÍFICO

- 1º Lincoln Fernando Mendes
- 2º Lupércio Vilain João
- 3º João Augusto de Melo Saraiva
- 4º Ademi Pereira de Abreu
- 5º Dilmo Luiz Prá
- 6º Walmir Cordeiro

## 1º CIENTÍFICO

- 1º João Davi de Sousa
- 2º Naur Coelho
- 3º Gilberto Doin Vieira
- 4º Alexandre Herc. G. de Freitas
- 5º Cid Gomes
- 6º Max Freyesleben de Sousa
- 7º Wilmar Philipi
- 8º Milton Vieira da Costa

## 1º CIENTÍFICO

- 1º Ney Perrone Mund
- 2º Waldir Campos
- 3º Nelson Amin
- 4º Reinaldo Rodrigues Alves
- 5º Werner Springmann
- 6º Vinício Olinger
- 7º Airton Roberto Oliveira
- 8º Américo Campos



ASPECTO DO CHURRASCO DA SAUDADE

# E' fácil e rápida a aprendizagem da leitura!

Indique aos analfabetos, que conheça, uma das classes de ensino supletivo.

## ANCHIETA



Nevoeiros, penhascais, barrancos e torrentes,  
Quanto a serra brutal te amontoa à passagem,  
Venceste, e do alto vês os aguçais dormentes  
E a água verde do mar em revolta selvagem.

Olhando-os, a cismar, pensas no duplo aspecto,  
Ora calmo ou feroz, do coração humano;  
Máis cruel no torpor dêsse paul infecto,  
Do que no retroar dêsse rugir de oceano.

Sobe ainda. Chegaste à glória do planalto,  
Onde a Cruz vai plantar, dominadora e santa,  
A civilização da terra brasileira,  
A gente guyanás te espera em sobressalto.

Estes homens são teus, a terra é tua; planta  
A semente floral da futura "bandeira".

(D'O Poema de Anchieta

Durval de Moraes)

### CAMPERIADA

Uma longa enfermidade deixou-me em tal estado de fraqueza que fui obrigado a suspender meus estudos. A receita do médico foi repouso, distração e ar saudável. Gosto bastante da vida campera e esta idéia de campo começou-me a parafusar o cérebro. Já por três vezes que gozei minhas férias na conhecida fazenda do "CADETE", no interior do planalto Catarinense. Foi lá que surpreendi o velho casal com a minha inesperada chegada. Com verdadeiro contentamento reví aqueles capões, morro e campinas tão meus conhecidos.

Mês de outubro! Já havia passado a época da queima do campo, agora preparava-se a derrubada do gado, período de maior agitação e afazeres em qualquer fazenda. Dentro de dois dias começaria a tremenda luta onde se derruba cada mês para dar "guela abaixo" mistura de sal, cinza e enxofre e ainda tozá-la e marcá-la. O gado "trabalhado" desta maneira engorda de um dia para o outro.

Os piões contratados foram chegando sucessivamente, não faltou ninguém. Carneou-se a novilha mais gorda da tropa. O ambiente nessa altura tornou-se mais agradável, todos estavam alegres, a agitação era fora do comum. No assoalho da "ramada" foi improvisado o dormitório dos piões. A noite estourou um "bruto" fogo no galpão sendo rodeado pelo pessoal

que se foi acomodando por ali. Muita lorota foi contada até que o patrão esplanou detalhadamente como devia ser feita a camperiada. A manada pousou na mangueira para "levantar", pois a três meses que estava solta, descansando.

No dia seguinte antes do acordar da natureza já os matungos estavam ensilhados. Com os primeiros raios de luz puzemo-nos a caminho. Três cavaleiros foram para a fazenda do Cedro, quatro para a do "Rodeio Cercado" e sete, oito comigo, para a inverna-da da "Boa Vista" que era a maior e a de gado mais chucro. Ao meio dia, conforme desejo do patrão, toda a boiada devia estar encerrada no manguerão, que ficava no fundo da casa. Chegados a inverna-da da Boa Vista separamo-nos, uns foram por baixo, outros por cima. Eu fui pelo centro onde o terreno não era tão "escôncio" e onde as vistas eram mais amplas. Dirigi-me automaticamente para o morro que deu o nome da inverna-da, uma vez lá encima puz-me a contemplar o mundo! realmente o espetáculo era deslumbrante, Boa Vista, murmurei. Os olhos se perdiam em tamanha amplidão, de todos os lados almejavam-se montes e estendiam-se planícies. Era muito longinquo o lugar onde o céu e a terra se encontravam. Dispertei daquela contemplação embevecida pelo grito característico do vaqueiro, o "matreiro", grito êste dum "ô" fechado, cheio, alto e prolon-

## CRUZ E SOUZA

Para honra de sua terra natal, Cruz e Souza foi o principal inspirador, na literatura brasileira, do movimento espiritualista que, operando-se na Europa por volta de 1880, veio, na última década do século XIX, repercutir no Brasil. Assim Ronald de Carvalho.

Continúa a Pequena História da Lit. Brasil: "...um sentimento sério se manifesta: a necessidade de que tudo não se mostre claro demais. O evolucionismo, o materialismo, o positivismo científico as coisas são, realmente, como no-las indicaram, êste mundo parece, na verdade, um pouco chato de inteligência e um tanto esteril ao sentimento. Daí, a necessidade de se lhe procurar uma base metafísica, um ENORME DESCONHECIDO".

Como quem olhou para os mesmos mares, como quem viu as mesmas estrelas, como quem as mesmas tardes possuiu que nós, ouçamos o negro, vejamos o nascido escravo em 1862, no "Carcere das Almas", ensinar-nos o desejo supremo da Liberdade e Claridade espiritual.

Visto e ouvido o poeta, a natureza que êle viu, ouviu e aponta, nos marulhará em cada entardecer a estrelada repetição de seu ensino.

Ah! Tôda alma num carcere anda presa,  
soluçando nas trevas, entre as grades  
do calabouço, olhando imensidades,  
mares, estrelas, tardes, natureza.

Tudo se veste de uma igual grandeza  
quando a alma entre grilhões as liberdades  
sonha e, sonhando, as imortalidades  
rasga no etéreo Espaço da Pureza.

Oh almas presas, mudas e fechadas  
nas prisões colossais e abandonadas,  
da Dor no calabouço atrás funereo!

Nesses silêncios solitários, graves,  
que chaveiro do Céu possui as chaves  
para abrir-vos as portas do Mistério?!

gado. Grito que requer toda a força dos pulmões e que vai morrendo pouco a pouco. Quando o gado está com vontade de comer sal, apenas ouve o matreiro e desabala a correr para o rodeio, é como uma varinha mágica.

Procurando emitir o grito de guerra do vaqueiro "abri o peito" e um matreiro trôpego rebou de mato em mato, de colina em colina. O gado que se achava por ali ergueu a cabeça, baixou para levantar de novo e eu gritando sempre, verdadeiramente feliz. Uma rês se movimenta em direção ao rodeio, outras deixam de pastar e logo em seguida seguem, correm, escaramuçando e berrando.

O rodeio estava vazio quando cheguei com a minha ponta de gado. Apiei à sombra de uma goiabeira e afrochei a "chincha" do animal a espera dos companheiros, nisto divertia-me com as contínuas brigas que se formavam. A pé mesmo reunia os mais valentes... é uma luta quem não requer inteligência nem astúcia, que tem mais força vence. Nunca há empate, são duas cabeças que se chocam e só separam pela derrota de um dos competidores. Pouco a pouco o rodeio foi-se enchendo, cada grupo que chegava era recebido com berros e as brigas recomeçavam, as vezes de três a cinco de uma só vez. Faltava ainda o gado bravo do fundo da inverna-da, houve uma espera grande, até que afinal uma verdadeira torrente apontou na lomba do chapadão que numa corrida vertiginosa descambou encosta abaixo em demanda do rodeio. A descida com aquela multiplicidade de pelos tornava o espetáculo verdadeiramente pinturesco.

Passava de meio dia quando chegamos em frente da casa, os outros já haviam chegados e vieram em nosso auxílio. Do rodeio até ali a luta foi titânica, os cachorros estavam com a língua toda fóra da boca e os cavalos espumavam de suor. Para mangueiriá-los deu o "bicho", só mesmo abaixo de grito, cachorro e laço, ainda assim uns cinco conseguiram refugar. Eu cerquei boi que não foi brincadeira!

A tarde principiámos a derru-

bação. Numa mangueira apropriada, cercada com uma "taipa" de sete palmos, foram colocados os 20 primeiros bois. Eu me encarreguei do sal e água. O patrão, de tozar e marcar. Dois vaqueiros, de manear os pés e outros dois as mãos. Eram quatro os pialadores, cada um melhor do que o outro. Poucas vezes erravam um pialo. Cada rês vencida era motivo de alegria e exclamações de triunfo. Ao contacto do ferro incandescente com o couro, o animal deixa escapar um berro angustiante.

Admirável é a resistência física destes homens, a noite depois de uma luta deste quilate, ao invés de irem dormir, sentam-se em roda do fogo ou vão caçar tatú. Se alguém gosta de ouvir histórias exageradas e vantagens pessoais que "se abanque" perto dum fogo de chão.

No dia seguinte a derrubada continuou febril e movimentada. Os mais brabos ficaram para o fim e a luta ficou mais perigosa e emocionante. Não esqueço o novilho mais quebra da boiada. Aspas curtas e ponteagudas, de pelo jaguné, fino e elegante.

Laçaram-no com dois laços, de modo que êle ficou no meio dos dois homens. O "bichinho" custou a se entregar e após o trabalho lhe amarraram um balde velho na cola. Levantou-se um tanto atordado, rodou em redor de si, e ao sentir o balde nos calcanhares arrancou-se do fundo da mangueira, arrebitou três varas da porteira respingando chapadão afóra.

Antes de uma nova camperiada houve descanso de meio dia. Nesse interim, comeu-se a vontade, palestrou-se deitados em pelegos debaixo dos pinheiros e engrachou-se os "arreames", tanto de montaria como de carga.

Por minha vez arriei a "mula ruana" e fui até a "coivara velha" buscar duas bruacas de nó de pinho para assar pão que já estava faltando. Só voltei quando o sol desaparecia atrás dos morros.

Nessa noite não fui pra roda do fogo, o cansaço era grande e o corpo exigia um descanso reparador. Dormi como um lagarto...

"João di Barro"